



Quinzenário defensor dos interesses dos Empregados de comércio e industria, literário e noticioso

N.º 16

DOMINGO, 20 DE DEZEMBRO DE 1914

ANO I

REDACTORES Amadeu Moutinho
J. Fernandes

DIRECTOR — M. F. de Oliveira e Castro

Redacção e administração — P. D. Afonso Henriques, 27

Composição e impressão:

Propriedade da Empresa

Tipografia de Albano Pires de Sousa,
Rua da Republica, 120 a 122-A—GUIMARÃES

EDITOR — A. Meireles Ferreira

O DESPERTAR,

Uma tentativa frustrada

Somos informados de que um grupo de negociantes desta cidade tentou angariar assinaturas dos seus colegas para dirigir uma petição á Câmara Municipal a fim de que esta autorizasse a abertura dos estabelecimentos no dia 13 d'este mês, com o pretexto de ser o dia de Santa Lúzia e realizar-se em Guimarães uma pequena festa em honra da referida Santa.

Não sabemos o que fêz gorar a execução do plano do grupo de negociantes, mas dizem-nos que foi por não terem sido bem recebidos por alguns dos seus colegas a cuja porta bateram.

Conquanto o caso não tenha a importância dos de Viana, Barcelos e Lamego, a verdade é que já é um mau anúncio e uma má idea. Não havia necessidade alguma de surgir tal ideia dentre o comércio, pois não tinha a festa de Santa Lúzia a importância precisa para que dela resultasse um bom dia de negócio nesta cidade. A tentativa do grupo de comerciantes parece mais, pois, um desses atentados repelentes contra a lei do descanso semanal, arremedando os de Viana, Barcelos e Lamego.

Os comerciantes de todo o país deviam convencer-se de que não são prejudicados com o descanso semanal, pois que o povo rural, que era o que habitualmente vinha fazer as suas compras domingueiras, está plenamente conformado com o encerramento ao

domingo. Que, ainda que prejudicados fossem os comerciantes com o descanso semanal, não justificava isso, de forma alguma, atentados contra a lei ou tentativas de abrir excepções aos regulamentos em vigor.

A tentativa do grupo de comerciantes fôra frustrada; mas não quer isso dizer que nós empregados de comércio devamos cruzar os braços, devendo antes ter em vista esta frase popular—o que se não fêz pela Santa Lúzia será feito noutro dia...

Carta do Porto

O protesto apresentado no dia 29 do mez passado á mesa da Assembleia Geral por um grupo de socios da União contra a eleição d'um candidato da lista vencedora por não estar no gozo dos seus direitos de socio, era do teor seguinte: «Os abaixo assinados, socios da União dos Empregados de Comercio do Porto; considerando que para a eleição dos corpos que hão de gerir esta colectividade no proximo ano de 1915, agora realizada, ser revestida de legalidade, necessario é que tenha sido feita de perfeita harmonia com os estatutos da União; e considerando que nessa conformidade foi coartado o direito de voto a todos os socios que se não encontravam no gozo pleno dos seus direitos, em observancia do artigo 14.º e seu numero 1.º; veem, em conformidade com esse proceder, protestar contra a eleição do consocio Alfredo Araujo Costa e Cunha, para o cargo de 1.º secretario da mesa da Assembleia Geral, por esse socio não se encontrar em condições de eleger e ser eleito como precieitua o referido artigo o que se prova pelo recenseamento que servia nesta eleição.

Porto e sala das Assembleias Gerais da União dos Empregados de Comercio do Porto, 29 de Novembro de 1914 »

Seguem as assinaturas. Como já disse na minha ultima carta, este protesto foi aprovado sendo esse candidato substituído pelo que occupava o mesmo logar na lista vencedora, o nosso camarada Salvador Braga.

—Na penultima semana foi distribuído com o fim de mostrar á classe em geral o mal que pode advir da occupação da presidencia da Associação por um patrão, e a

maneira de se emendar esse erro cometido pela opposição, o seguinte manifesto, assinado por vinte e dois socios da União:

«AOS CAIXEIROS PORTUENSES

Caixeiros do Porto!

No domingo passado foi eleito na União dos Empregados de Comercio do Porto, numa lista oposicionista, para presidente da colectividade um patrão.

Apesar do extraordinario afan com que a opposição trabalhou pela victoria da sua lista, a maioria que pretende pôr na presidencia da vossa Associação um comerciante foi apenas de «três» votos, tendo votado, por defeito do Estatuto da União, varios individuos que não são caixeiros, entre ellos o sr. Alfredo Moreira da Rocha Brito, antigo comerciante desta praça, hoje capitalista e director da Companhia Fabril de Salgueiros, o sr. Antonio Maria Lopes, industrial comerciante e director da Companhia de Saguos Argos, o sr. Antonio Ferreira da Silva, comerciante da rua Fernandes Tomás e o sr. Antonio Joaquim de Oliveira, comerciante da mesma rua, pessoas que não foram convidadas por nós nem por aqueles que estão connóceo, a intervir na eleição.

Caixeiros do Porto! A eleição de domingo, porque deu a victoria a um patrão e também a caixeiros que para gerir a Associação podem ser bem intencionados mas não são, seguramente, os mais bem orientados, é o ponto de partida duma campanha tenaz mas que será absolutamente digna, correcta e legal para fazer triunfar as aspirações da maioria da classe.

Caixeiros do Porto! Vai ser possível emendar o erro cometido no domingo na nossa Associação, porque brevemente será convocada uma assembleia geral para esse effeito.

É preciso prepararmo-nos para emendar aquele erro de modo que se demonstre por uma maioria não de 3 votos, mas de 30, de 300, de 3:000 se possível for, que não queremos a nossa Associação governada por patrões!

Caixeiros do Porto! Se quereis obter este resultado, vós, os que ainda não estais associados, correi a fiar-vos na União dos Empregados de Comercio do Porto. Só assim levareis lá briosamente aqueles que entendeis serem os mais capazes para vos defender e representar.

Caixeiros do Porto: para a vossa Associação!

É, uma vez lá, gritai bem alto:

Viva a independencia, viva a liberdade do caixeiro!

Porto, 2 de Dezembro de 1914.

Seguem as assinaturas.

—Realizou-se no dia 6 do corrente no Eden-Theatro a festa annual da Tuna dos Empregados de Comér-

cio do Porto, que constou do seguinte programma:

1.ª parte: Concerto pela Tuna constando de seis numeros do seu magnifico repertorio.

2.ª parte: Concerto coral pelo Orfeon Infantil do Colégio dos Orfãos, sob a regencia do seu professor, Ex.º Sr. Domingos da Silva Santos; Solos de violino pelo Ex.º Sr. Joaquim Vieira Pinto; Solos de piano pela Ex.ª Sr.ª D. Olympia e exercicios de argolas pelos alunos da Escola Guáquio do Porto, Ex.ºs Srs. Manoel Costendá, Joaquim Guimarães, Abilio Caetano e Aldo Bertuzzi, sob a direcção do seu professor Ex.º Sr. José Barreto.

3.ª parte: Representação da comédia em 1 acto, *Sentinela...* Perdida pelo Grupo Dramático da União dos Empregados de Comercio do Porto. Foi uma festa brilhante que deixou bem impressionados todos os assistentes que cobriam de palmas o belo desempenho de todos os numeros e em que a Tuna mais uma vez se salientou revelando bem o amor que os seus componentes dedicam á sublime e adoravel Arte.

—O sr. Armindo Peixoto sendo um dos membros que constituem o Grupo «Acção» e que sempre se conformou com a orientação tomada por esse nosso intrépido defensor mandou pedir a suspenção da sua assinatura.

Ora o sr. Armindo Peixoto é um dos membros constituintes da lista vencedora na eleição da União, e o seu gesto para com a «Acção» é pois um sintoma convincente da má intenção da opposição.

Nós, porém, estamos de atalaia e porisso deixa-los *anda los*.

Porto, 15 | 12 | 914.

ABILIO MARTINS.

Carta de Vizeu

«O Caixeiro da Beira,

Anunciamos no penultimo numero deste jornal o reaparecimento do antigo baluarte de defesa dos interesses dos empregados de commercio «O Caixeiro da Beira» que ha muito tempo havia suspenso a sua publicação.

Devia sair, como dissemos, em 1 de Dezembro, mas por motivo de grandes afazeres relativos á nossa profissão, muito naturais nesta epoca, adiou a sua saída.

Grande numero de colegas de diversas terras do país nos escreveram interrogando-nos sobre tal assunto, e admirados de não receberem tão agradavel como util visita.

É positivamente no 1.º de Janeiro que todos teremos o praser de ler este jornal, que, como noticiamos, se apresenta unica e exclusivamente para a defeza das nossas justas regalias.

É grande o esforço dos colegas que se arrojam a tão ardua como espinhosa empresa e por isso nenhum caixeiro se deve recusar a prestar-lhe o seu auxilio, pois que só da classe e para a classe ele vive.

Vizeu, 14 | 12 | 1914.

MANUEL PINTO FERREIRA.

Assembleia Geral

Deve efectuar-se hoje, na sede da Associação de Classe dos Empregados de Comercio de Guimarães, a assembleia geral ordinaria para o fim de ser eleita a gerência da Associação para o proximo ano de 1915.

No numero immediato noticiaremos o resultado da eleição.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES OPERARIAS DE GUIMARÃES

Esta Federação enviou ao sr. Ministro do Interior o seguinte officio de protesto contra as arbitrariedades da Câmara Municipal de Lamego:

Il.º Ex.º Sr.

Ministro do Interior.

A Federação das Associações Operárias de Guimarães, ao ter conhecimento de forma arbitraria como pela Câmara Municipal de Lamego foi alterado o Regulamento da Lei do descanso semanal naquele concelho, sem previa consulta das entidades interessadas—as Associações de Classe—como bem expresso é na mesma lei, não pode por forma alguma deixar de manifestar o seu desgosto e lavar o seu ordeiro mas enérgico protesto contra a deliberação da mencionada Câmara Municipal de Lamego.

Il.º e Ex.º Sr.

Já de per-si bem reduzidas e cercadas as regalias que disfructam as classes trabalhadoras, em breve teremos de constatar o seu completo desaparecimento se não se evitar que uma lei conquistada á custa de imensos sacrificios, possa estar, ao

diapor e livre arbitrio de qualquer individualidade ou corporação que dela tenha de fazer applicação.

Nestes casos se encontra a Câmara Municipal de Lamego, que sem razão alguma que a justificasse tomou a deliberação de transferir dos Domingos—dia de cantum acordado escolhido—para as quartas-feiras, o descanso semanal naquêl concelho!

Este facto deve merecer do espirito democratico de V. Ex.^a a maior das atenções e esta federação, em nome de todas as classes federadas acompanhando os justos protestos da Associação de Classe dos Empregados do Comércio de Lamego, vem solicitar de V. Ex.^a providencias immediatas e para que a mencionada Câmara Municipal, cumpra o regulamento anteriormente elaborado, que estabelecem o descanso semanal no mesmo concelho, aos domingos, por ser esse o dia que melhor harmonisa os interesses das classes interessadas—patrões e empregados.

Saude e Fraternidade.

Guimarães, 2 de Dezembro de 1914.

O Presidente—Manuel Ribeiro da Silva.

Grupo Dramático «Júlio Dantas»

No dia 3 de Janeiro próximo, realiza este reputado grupo, no teatro D. Afonso Henriques, um espectáculo em benefício do cofre da Associação dos Empregados de Comércio.

Subirão á scena as seguintes peças:

«A Sonata», «1.023», de Júlio Dantas e «Duas Gatas», engraçadissima comédia em 1 acto.

Por especial deferencia toma parte neste espectáculo o distinto ensaiador do «Grupo» Ex.^{mo} Sr. Jose Roriz.

E' pois de esperar uma casa á cunha como vulgarmente se diz, atendendo não só ás simpatias que este «Grupo» com toda a justiça goza, mas tambem pelo fim altruista do espectáculo.

Manifesto de Lamego

A Associação dos Empregados de Comércio de Lamego publicou e fez distribuir largamente um manifesto contra esse pseudo-regulamento elaborado pelo Dr. Alfredo Sousa, que não foi aprovado pelo Ministério do Interior.

Felicitemos os colegas de Lamego pelo desassombro com que dizem da sua justiça.

Os jornais da classe são as sentinelas vigilantes do bem-estar dos empregados de comércio. Todos, porisso, devem prestar-lhes o seu auxilio.

“O ESPIÃO,”

Deve encetar a sua publicação no dia 10 de Janeiro próximo um quinzenário humorístico e literário, com o título que nós serve de epigrafe. Aguardamos com prazer o aparecimento do novo colega.

FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Junta Executiva da Zona Norte

(Continuação)

—Da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Viana do Castelo, devolvendo um officio que a Junta lhe endereçára sobre a questão do descanso semanal e permitindo-se fazer-lhe referencias impróprias e descortezes. O camarada Alberto Osório acentuou a incorrecção desta entidade; e, mostrando a deslealdade e a má-fé dos processos que ella tem usado para conseguir cercar as regalias dos caixeiros vianenses, propoz que se lhe respondesse em termos enérgicos e altivos, repelindo com indignação a afronta. Assim se deliberou por unanimidade.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Monsanto, dizendo remeter brevemente os documentos que se pediram e que se tornam necessários á sua admissão na Federação. Inteirada.

—Do cidadão Ricardo Covões, deputado, prometendo continuar a apoiar as reclamações do caixeirato português. Agradeceu-se tal declaração.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Penafiel, notificando ter a sua assembleia geral reprovado, por maioria, a proposta que lhe fôra apresentada, para se federar. Em officio dirigido a este sindicato manifestou a Junta o seu desgosto pela deliberação tomada, e por proposta do camarada Salvador Braga, resolveu que um dos seus membros vá a Penafiel no intuito de mostrar aos camaradas dessa cidade as vantagens que para a classe adviriam do ingresso da sua associação no grémio federal.

—Do 1.^o secretário da assembleia geral da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães, requerendo a admissão desta colectividade na Federação. Como o officio não trouxesse as assinaturas do presidente e do 2.^o secretário, conforme determina o Estatuto Federal, devolveu-se á procedencia afim de serem cumpridas estas formalidades.

—Da direcção do mesmo sindicato dando conta da deli-

beração que a Associação tomou de se inscrever na Federação e perguntando se a doutrina da sua lei orgânica se encontra ao abrigo das disposições do estatuto federal. Fizeram-se-lhe algumas objecções sobre a matéria desse documento.

—Da Junta Executiva do Sul ácerca de trabalhos a efectuar para se conseguir a aprovação do projecto de lei sobre a regulamentação do trabalho no comércio.

Deliberou-se apoiar os trabalhos da sua congénere e officiar aos sindicatos da zona norte, rogando-lhes que telegrafem ao presidente do ministério instando pela inclusão do projecto Ladeira-Aguiar no número de questões a discutir na reunião extraordinária do Congresso Nacional.

—Da comissão de instrução e propaganda do Ateneu Commercial de Coimbra, manifestando o seu reconhecimento pelas palavras de apreço que a Junta lhe dirigiu. Inteirada.

Recebeu-se tambem o manifesto que os caixeiros de Coimbra dirigiram ao povo desta cidade, a propósito do comício que effectuaram; e um exemplar do n.^o 36 de *El Dependiente Español*, órgão da Federação Nacional dos Caixeiros Espanhois.

—O camarada presidente, usando da palavra, diz ter recebido um exemplar do livro *O Despotismo*, oferta do sr. dr. Manuel de Arriaga, a quem agradeceu a sua penhorante deferencia.

Mais comunicou que se dera expediente a todas as resoluções tomadas na última sessão e que officiará aos presidentes do Ministério, da Câmara dos Deputados, do Senado e da Câmara Municipal do Porto sobre a questão da regulamentação das horas de trabalho no comércio.

Nesta sessão foi chamado á effecividade o colega Manuel Alberto da Costa, a quem o camarada presidente dirigiu palavras de saudação.

Tomaram-se mais algumas resoluções de carácter administrativo, após o que foi encerrada a sessão.

Novamente, no dia 13 de Agosto reuniu este corpo federativo. Presidiu o camarada Alberto Osório, comparecendo os colegas Salvador Braga, Manuel Alberto da Costa, Innocencio Silva e Teixeira Basto. Leu-se e aprovou-se a acta da sessão passada. Em seguida, leram-se os officios que seguem:

—Da Associação de Classe dos Caixeiros de Oeiras e Cascais, convidando a Junta a assistir á festa comemorativa do seu 2.^o anniversário e dando conhecimento de que a sua direcção lançára na acta da sua última reunião um voto de saudação á Federação dos Cai-

xeiros Portuguezes pelos esforços que tem empregado a favor da regulamentação do trabalho no comércio. Agradeceu-se esta prova de solidariedade e solicitou-se do camarada lisbonense José de Almeida a representação da Junta na referida comemoração.

—Do Ateneu Commercial de Coimbra, dizendo ter telegrafado ao presidente do Ministério sobre a questão da regulamentação do trabalho, de harmonia com as indicações que lhe haviam sido dadas. Inteirada.

—Da Associação dos Empregados de Comércio de Vila Rial, idem. Inteirada.

—Da Associação de Classe Commercial de Braga (Caixeiros), idem. Inteirada.

—Do Grémio dos Empregados de Comércio da Régua, dando esclarecimentos ácerca do seu débito á Caixa Federal. Como as informações fornecidas não bastassem, ainda não se poudé averiguar a importância da sua dívida.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães, perguntando se a doutrina da sua lei orgânica se harmonisa com as disposições do estatuto federal. Respondeu-se afirmativamente.

—Da Associação de Classe dos Empregados no Comércio e Indústria de Elvas, convidando a Junta a assistir a um sarau literário que na sua sede terá lugar. Agradeceu-se.

—Da Associação dos Empregados do Comércio e Indústria da Figueira da Foz, referindo que brevemente, enviará um exemplar do estatuto por que se rege e uma relação dos seus associados, e comunicando o resultado da eleição dos seus corpos gerentes para o corrente ano. De novo se insistiu pela remessa de tais documentos.

—Da Associação dos Empregados do Comércio dos Arcos de Val-de-Vez, dando o seu apoio á obra da Junta e comprometendo-se a ingressar na Federação logo que o seu estatuto seja aprovado pelo governo. Deram-se-lhe algumas explicações tendentes a facilitar a sua inscrição.

—Da Associação Flaviense dos Empregados do Comércio, agradecendo a sua admissão no Grémio Federal e participando que vai proceder á eleição do seu delegado ao Conselho Geral. Rogou-se-lhe que não descure este assunto.

—Da Associação dos Empregados do Comércio de Vila Rial, dizendo não querer filiar-se na Federação sem ter aprovada, pelas estâncias competentes, a sua lei organica.

O camarada presidente informou que officiará a esta colectividade lembrando-lhe que, ha já um ano, a sua assembleia geral resolveu federa-la e, assim, necessário se tornava que essa deliberação se cumprisse o mais breve possivel.

—Do Ateneu Commercial de Coimbra, noticiando a realização duma sessão de propaganda a favor das reivindicações da classe. Manifestou-se-lhe o agrado da Junta pelos seus trabalhos.

—Da Associação dos Empregados do Comércio de Vila Rial, annunciando que telegrafára a diversas entidades sobre o caso da regulamentação, cumprindo, assim, as determinações da Federação. Inteirada.

—Da Associação Flaviense dos Empregados no Comércio, idem. Inteirada.

—Da Associação de Classe dos Empregados do Comércio de Vizeu, pormenorizando os seus trabalhos a favor das reclamações da classe e manifestando o seu apoio á obra da Federação. Inteirada.

—Da Associação dos Empregados de Comércio de Lamego, para o mesmo fim. Inteirada.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães, desfazendo determinadas dúvidas que a matéria do seu estatuto sugere. O camarada presidente, declarando que este sindicato requereu a sua inscrição no Grémio Federal e que, para tal fim, satisfiz todas as condições necessárias, propoz que fosse admitido na Federação, o que foi aprovado por unanimidade.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Penafiel, pedindo o adiamento da ida do camarada Salvador Braga a esta cidade, em virtude de se encontrar ausente a maioria dos membros da sua Direcção. Resolveu-se o adiamento rogado.

(Continua).

APÊLO

A Junta Executiva da Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portuguezes (Zona Norte), tendo o maior empenho em obter collocação para dois camaradas, que se encontram desempregados, roga aos membros da classe a sua coadjuvação para o fim indicado. Que a solidariedade dos caixeiros se revele na prática desta acção tão nobre e bella.

Ver adiante os respectivos annuncijs.

CAIXEIRO

Oferece-se, com 19 anos de idade, para estabelecimento de fazendas brancas. Ainda está empregado. Pedir referências á redacção.

Todo o bom caixeiro, que se prese de o ser, deve ser sócio da sua Associação e assinar os jornais da classe.

Secção Literária

CRISTALIZAÇÕES

AMOR E VIDA

a Alguem

Céu era um mar de vagas alterosas e pelo sol d'encosto ao firmamento rolava um nevoeiro pardacento qual montanha de cristas pedregosas.

Colado ao muro de fendas já musgosas eu tinha adormecido o pensamento na ideia dum eterno sofrimento quando lhe ouvi as falas mais formosas.

O «Sim» que lhe escapou como de lira, nota que fôra ao Céu e Deus ouvira abonçou toda esta dôr austera!

Pela primeira vez, sem trenos d'aves sem perfumes de roseiras suaves, senti no peito a minha primavera!

Dezembro de 1914.

R. E.

CONFISSÃO DE AMOR

(A' Jovem poetisa Adelaide A. Silva)

Eu não sei se deva vir-te confessar, O segredo que me vai no coração: Digo! mas não digo... não to digo não, Eu tenho receio de te ir desgostar!

Mas... virgem lhaneza o teu doce olhar, Parece evocar a minha confissão: Sonho-te tão linda... divinal visão! 'Scuta: eu vou-te o meu segredo revelar!

Tu sabes Divina o que é o amor, O filho de Venus, primo de Vulcano, Que enebria e abrasa o coração?

E' o meu segredo: aí mudas de côr, Estás-te a sorrir, tu pensas que te engano? Perdoa Vatisa, não to digo não!...

Dezembro de 1914.

ROLANDO.

DUAS COISAS

I

Breve, o calendário, marcará o dia 25,—o grande dia de Natal.

E', o dia de Natal, um canto alegre da tradição, um sorriso comunicativo do passado, um hino fervoroso da crença e do amor.

Ai! o dia de Natal! Dia de festa e galas, de luto e dôres, de beijos e abraços, de saudades e promessas...

Ai! o dia de Natal! A muitos corações transmite a alegria festiva que estonteia; juntas num abraço fraternal muitos corações enamorados e num grande e doce beijo muitos esposos queridos; unes na doce paz do lar muitas famílias; chamas ao torrão natal, ao berço da infância, muitos filhos que andam distantes empenhados na nobre tarefa de ganhar o pão...

Ai! a noite de Natal! Noite de perfumes e fartura, de recordações e sorrisos, de lembranças e lágrimas...

A mãe recorda sentidamente, douda de alegria, ao seu amoroso filhinho, aquele tempo feliz e descuidado dos brincos infantis; e chorando, vai-lhe dizendo pesaroza e triste o quanto sofre quando privada da sua companhia; o esposo lembra á sua adorada companheira aquele tempo de outrora; aquele tempo dos amores proibidos e das tempestades paternais; irmãos e irmãs, amigos e parentes, relembram passagens nítidas da infância: castigos, repreensões, passeios, travessuras e amores...

E a animação prossegue por essa noite alta, á lareira, por entre sorrisos frouxos de crianças divertidas...

E a chama aviva-se, e a folia aumenta, recrudescer...

Noite de recordações e vageares!

Natal!

Ah! Mas que de tristezas por esse mundo!...

Quantos lares sem luz e quantas mezas sem pão?!

Quantas mães inconsoláveis e quantos filhos distantes, perdidos?!

Quantos pobres sem abrigo e quantas desgraçadas sem agasalho?!

Natal!

Nem em todas as casas reboam as hossanas da satisfação! Nem todas as crianças brincam, nem todos os corações cantam!

Natal!... Deus! A dôr envolve muita alma pura; as lágrimas queimam muitas faces inocentes; a miséria define muito desgraçado!...

Natal!... Homens! E' frio o cárcere; sem luz e sem amor, muitos desgraçados e muitos inocentes aí passam, sem conforto, o dia da grande festa!

Longe, expatriados, muitos filhos recordam a sua pátria, a sua família e o grande dia da festa!

Pesarosas, vertem lágrimas na solidão...

Ai! o Natal!...

II

Alvorada. A natureza canta, e alegre e risonha sauda a manhã que desponta livre e a luz que surge clara...

A natureza desperta; e a luz beijando a terra enferma e húmida oferece um certo calor ao seio frio dos campos semeados, imprime uma certa graça aos despojos que pelo solo morrem abandonados, e entrando pelas habitações humildes, essa luz tornada canto esperançoso, entoa no ninho da família essa acalentadora canção do amor que anima os pobres e que alenta os pequeninos rôtos.

E cantando sempre, essa luz calor e graça, canção e amor, tornada agora conselheira e amiga, diz ao homem, ao trabalho, que desperte, que surja para a luta, que vá para essa guerra santa do trabalho...

E o homem, o trabalhador, que é ignorante mas que como ninguém sabe traduzir esses segredos, e que perfeitamente compreende o lugar que na sociedade ocupa, levanta-se, sauda a manhã, beija brandamente seus filhos, como a luz beija as flores, abraça a sua companheira inseparável, e sai satisfeito do convívio quente da família, e caminha alegre para a faina árdua do trabalho...

O movimento pouco e pouco vai crescendo, a animação, aumentando...

E' a vida que ressurgue, que canta e que chama...

E agora um, logo outro, lá vão caminhando...

Impulsos á esperança do futuro, o amor da família, a necessidade, a obrigação...

Caminham...

E vendo-os passar, admirando a efervescência da vida, o regorgitar do movimento, eu construo na minha imaginação um poema feito de sofrimentos, de dôres e de sacrifícios. E' um poema triste, porque eu vejo a oficina, a luta, o perigo.

E voltando a vê-los, quando de volta, á noite, assobiando contentes, como que entoando o hino da glória, eu construo um outro poema mais grandioso e sublime, porque esse então é feito de sorrisos inocentes, de carinhos leves e de lágrimas furtivas.

E' um poema alegre, porque eu vejo a habitação do pobre, o descanso da família...

...Trabalhar, produzir, amar e sofrer!...

...Privações, necessidades, lamentos e pobreza!...

...E' a vida!...

A. V.

Vagabundo e o Trabalho

(FRAGMENTO)

...Escuta: para que te tornaste um imbecil, corrupto de vícios, cospido pela sociedade ao lamaçal da rua, ao caminho do abismo?...

Matar... roubar o teu semelhante, o teu amigo, o teu irmão —é esse o teu nefando sonho! Triste é o teu ideal, bem negra deve ser a tua alma!...

Vem, vou mostrar-te a vida, mas não aquela que tu sonhas um pesadelo hediondo que te asfixia a alma viciada, e te faz curvar teu corpo raquítico e disforme — é uma vida nova enaltecida de paz e de amor, que tu se a compreendesses, levantar-te hias do precipício ingreme onde estás suspenso, e abraça-la hias como se abraça uma mãe muito querida, muito afectuosa!

Vem comigo, desvenda os teus olhos e espia-os pelo mundo além: vê a natureza em festa a sorrir ditosa as carícias enebriantes da primavera aos beijos tépidos do sol!

Como tudo é belo!—Campos em flor, laranjeiras ornadas de pomos de ouro a brilhar por entre as alvinitentes rosas; os brejos verdes-anilados cheios de sombras, e os rios límpidos como o cristal, como o azul do céu!

Mais além, a chaminé duma fábrica como a rutila pluma a flutuar ao vento, nimbando as nuvens com rolos de fumo. Ali vivem e trabalham miríade de almas não tristes desditosas, mas sim alegres cheias de esperanças porque vivem do trabalho: á noite, nas suas orações fervorosas e crentes, com as consciências tranquilas, ouvi-las hás dizer: no céu esteja quem vive do trabalho!...

No campo, o simples, o humilde lavrador, suor gostejando, lavrando as terras, não o vez triste, não; canta alegres melodias, levadas no vento, guiando com toda a suavidade e ternura, os seus bons amigos, os amigos de sempre—os bois pacíficos e mansos, que sempre resignados, lá vão puxando ao arado, lavrando a charneca. Ali naquela árvore frondosa que parece desafiar as nuvens, entre os seus ramos frescos e viçosos, quanto trabalho levaram os passarinhos para ali construir aquele ninho—ninho de amor, casa de seus filhos, mais znácio que as alcárfas que tu Vagabundo, calcas nos palácios góticos onde vais praticar o crime...

O mais pequeno dos seres, o mais mesquinho, trabalha para viver!

As abelhas, esses seres pequeninos nacarados de ouro, que nos fornecem o netar divino, o mel abençoado, já nãis as vi descansar nas faldas das serras, onde as pequeninas obreiras, constroem com toda a graça da arquitetura os seus lindos e encantados palácios... As mariposas brancas côr de neve, as «filhas das rosas», nos praços matizados, por entre as glicineas, beijando os lírios e as açucenas, vivem daqueles beijos vaporosos, das fragâncias odoríferas que as flores exalam; trabalham para viver. E tu Vagabundo, o que fazes na possilga do vício? Trabalhas por acaso? Ah! não, não; tu só sonhas o mal, o mal é a tua sombra, o teu indómito destino!...

Eu conhecia-te eras tu criança, linda como os anjos, de cabelo flavo, olhos côr do céu. Deus sorria-te e embalava-te no seu seio imenso e magnânimo, porque eras inocente, porque eras bom: criança ainda eras quando orfão ficaste. Teu pai morria, quando na banca de jogo lhe ardiam os últi-

mos dez réis... filho do vício, devias-lhe seguir os passos. Crendo aos baldões da sorte, a mãe não conheceste: uma esmola, uma esmola, foi a tua vida, batendo ás portas por esse mundo alem, mas todos te respondiam: és môço, trabalha, vagabundo... canalha!...

Errante pelo mundo para ti de trevas, de todos desprezado, sentiste a neve na medula dos ossos, sentiste a fome a roer-te o peito mas não te lembraste do trabalho, não! Roubar... matar... trincar aos dentes como vibora venenosa o coração do teu semelhante, apagar a sede no sangue do teu amigo foi a tua signa, a tua torpe vida!

Odiaste tudo e a todos, odiaste o trabalho, o mundo inteiro, o céu, o próprio Deus!!!

E's um trapo imundo, lançado á rua, sepultado no lodo! E's a mão do crime! O teu Deus é a naifa!...

Bem triste foi a tua primavera, inhôpita e desflrescente! Carregado de remorsos, já direito não tens de fitar o céu...

Escuta: vê o moleirinho de cabelos brancos, lá vai do moinho pela encosta fora, com a sua companheira de trabalho—a jumentinha! Velho mui velhinho, mas ainda trabalha...

Vem, vamos lá acima ao píncaro da serra ver nesta hora bucólica e suave em que o sol caminha como um adeus de saudade para os longínquos poentes—ver desprender o dia; ver chegar a noite nostálgica, de paz e de mistério. Escuta: ouve a música dos campos, o murmúrio dos rios, acompanhada com o sicar placido e tépido da brisa que vai embalando as flores de outeiro em outeiro, de colina em colina, como parece adormecer num eterno sono aquelas que são bonas!

Plumbeo vos, vai cobriado lentamente de penumbras, as cidades, os campos e as serras! Nas bibliotecas aldias místicas encantadas, caem piedosas as «Ave-Marias!»

E' hora de descanso para aqueles que trabalham.

O' noite insondável, ó noite imensa, ó mãe das trevas, eu também vou dormir no teu seio...

Como tudo é belo, ó santa natureza!

O trabalho é a riqueza da vida e a paz da alma.

Choras, tu um ser ignóbil, um pária da sorte? Ah! benditas essas lágrimas! Escuta, escuta a vós da natureza, não vaciles, vem aos meus braços, eu sou o teu irmão!...

Guimarães, Outubro, 1914.

ROLANDO.

CAIXEIRO

Oferece-se com bastante prática de mercearia. Edade 19 anos. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomás, 325—Pôrto.

CAIXEIRO

Oferece-se com muita prática de sola e cabedais, para armazem ou casa de retalho. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomás, 325—Pôrto.

MERCEARIA CASTRO

DE
FRANCISCO DE CASTRO GUIMARÃES
RUA DE PAIO GALVÃO
(EM FRENTE AO MERCADO)
GUIMARÃES

Neste estabelecimento encontra-se sempre um sortido completo em generos alimenticios de 1.^a qualidade.

Especialidade em azeite de Mirandela.
Finissimo bacalhau Inglês e Noroega.
Variado sortido em chocolates, cacau e conservas de Espinho.
Vinhos finos, champanhe, cognac, licores, etc.

BARBEARIA MILANEZA

—DE—
MANUEL CALISTO

RUA DA REPUBLICA

Esta barbearia, que prima pela limpeza e aceio, recomenda-se á elite vimaranense.



CASA PENHORISTA VIMARANENSE

FUNDADA EM 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA

LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144—GUIMARÃES

ARMAZEM DE MERCEARIA

DE
OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA
14—RUA DE CAMÕES—18
GUIMARÃES

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.
Chá, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manfeiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.^a qualidade.
Deposito de enxofre e sulfato de cobre.
Carvão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

Confeltaria Parisiense

DE
DOMINGOS VINAGREIRO & F.^{os}

* * GUIMARÃES * *

Generos de mercearia de primeira qualidade

Grande e variado sortido em pasteis

Variada em doces

Especialidade em doce de ovos

Grande sortido de Bolachas Inglesas e Nacionais das principais fabricas

Five o'clock tea

LUNCH'S

Variados Sorvetes

SANDWICH'S

BOMBONS DE VIENA

Rebuçados austriacos

Vinhos de mesa finos e espumosos

Champanhes, Cognacs e Licores

Conservas Nacionais e estrangeiras

Massas e farinhas alimenticias

Chá, Café, Chocolates e Casca

EXECUTAM-SE ENCOMENDAS PARA CASAMENTOS, BATISADOS e SOIRÉES



QUEREIS VESTIR BEM?

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda de Gaspar Lopes Ribeiro—R. da Republica

(Antiga Rua da Rainha)
AONDE ESTEVE A CASA HIGH-LIFE

Esta acreditadissima casa confecciona pelos ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garantindo-se a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

Joaquim de S. BOAVENTURA MENDES GUIMARÃES

1, RUA DE S. DAMAZO, 3
GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido em cabedais nacionais e estrangeiros.
Deposito de malas e exportação de calçado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

"O DESPERTAR,"

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso.

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27

GUIMARÃES

Preço da assinatura

{ Portugal e Africa—ano, E 0,60 (600 réis)
Colonias — " E 1,5 (1500 ")
Estrangeiro — " E 1,530 (15300 ")

A cobrança pelo correio aumenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo.
O preço dos anuncios é convencional,

"O DESPERTAR,"

quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso

Cidadão

